

Entrevista com Respol Resinas, SA

Manuel B. Costa

Chairman

Com quality media press para Expresso / El Economista

Quality Media Press – qual o papel que desempenha a empresa no sector actualmente?

R. – Nós somos os únicos na zona sul e na zona centro, no sector das Resinas. Havia uma pequena fábrica em Coimbra que fechou. Nós fabricamos para tintas de impressão. Compramos quase todas as matérias-primas no estrangeiro.

Q. – Qual o volume de facturação da empresa?

R. – A nossa empresa factura cerca de 35 milhões de euros.

Q. – Desde que ano está a empresa a funcionar?

R. – Desde 1993, temos outra que é a Resipes???? Que é a fabrica mãe desta da Respol. Em 1990 começou a decair as resinas e nós sentimos a necessidade de dar um passo em frente e irmos para os derivados da resina.

Q. – Esta empresa desde sempre tem um componente internacional importante.

R. – Tem, antes não tinha tanto. Como exportador foi sempre, com matérias-primas só foi em 1998/99 quando a nossa fábrica de produção de resina de pinheiro em Portugal começou a cair e começamos a importar da China e do Brasil.

Q. – Quais os principais mercados neste momento?

R. – Todos os mercado da Europa praticamente, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Holanda, entre outros. É um produto de resinas de tecnologia para fazer as impressões.

Q. – Qual a sua experiência no mercado espanhol? É um mercado proteccionista?

R. – É igual aos outros mercados. Nós trabalhamos com Espanha, mas com uma fabrica que é inglesa. Nunca tive muita experiência de venda de produtos para Espanha. Espanha é importante mas tem uma quota muito pequena em relação aos outros.

Q. – Acredita que a indústria da zona centro é competitiva?

R. – Eu acredito que sim, com esta crise é difícil. Entrar de novo é difícil. Para nos manter no mercado temos que ter qualidade e ter rapidez na entrega dos produtos. Temos um grupo de investigação com técnicos de engenharia para estarmos sempre um pouco mais a frente.

Q. – Portugal a nível tecnológico esta num bom nível?

R. – No nosso ramo estamos igual ou talvez melhor em termos de tecnologia como na Europa.

Q. – Qual a concorrência que o deixa preocupado?

R. – A concorrência são os compradores que são poucos. Agora vamos para a Alemanha efectuar um negócio apesar de existir um pré-acordo para o ano inteiro e revisto de 3 em 3 meses. Tendo em conta as circunstancias o ano não está a correr mal.

Q. – A zona centro (Leiria) é a ideal para ter uma indústria desta dimensão?

R. – Esta numa zona privilegiada porque de fácil acesso para se ir para a Europa, estamos bem situados geograficamente.

Q. – Alem da Europa existe outros mercados importantes?

R. – Nós andamos sempre a procura de outros mercados. Já entramos na africa do sul.

Q. – Esta empresa é de sucesso?

R. – Temos vindo a crescer de ano para ano. Esta fábrica está montada nesta zona desde 1973 e foi-se desenvolvendo.

Q. – Quais os objectivos para a empresa para os próximos 5 anos?

R. – Nós temos capacidade para 40 mil toneladas, agora estamos a produzir 25 mil toneladas, há margem para crescer. Temos uma fábrica modelo, devemos ser hoje a maior fábrica do mundo, é necessário desenvolvimento, encomendas, é um trabalho muito árduo para seguir em frente. Pretendo para o futuro mais quantidade, mais clientes e maior rentabilidade. Sou optimista em relação ao futuro, nunca perdi as esperanças. Espero que este ano aumente mais a capacidade.